

**PERSPECTIVAS PARA UMA CADEIA DE SOJA
SUSTENTÁVEL ENTRE O BRASIL E A ALEMANHA**

Avaliação pragmática do projeto:

**”Agenda 21 rumo a uma concepção sustentável do setor alimentar. Um debate
ao longo dos fluxos de materiais na nutrição animal“**

Realização

Evangelische Akademie Loccum

Postfach 2158

D-31547 Rehburg-Loccum, Alemanha

Fone: +49 (0) 40 490 55 86 (Coordenadora do projeto: Kerstin Lanje)

Fone: +49 (0) 5766 81 - 114 (Secretaria: Karin Buhr)

E-mail: Kerstin.Lanje@evlka.de

Agradecimentos

A todos os participantes do projeto, os nossos sinceros agradecimentos por sua cooperação ativa, suas numerosas idéias, questionamentos críticos, e, não por último, por sua disposição de ouvir e tentar compreender as posições dos outros. Às pessoas que me receberam e apoiaram no Brasil, agradeço a boa acolhida e enorme energia com que me fizeram conhecer os aspectos positivos e negativos da soja.

Hamburgo, novembro de 2003, Kerstin Lanje

O “Projeto da Soja” – um diálogo entre o Brasil e a Alemanha sobre a nutrição animal

A soja é um dos alimentos mais antigos e preciosos do mundo. A soja alimenta milhões de pessoas. Com seu elevado teor de proteínas, ela teoricamente poderia erradicar a fome no mundo. Feito farelo, porém, grande parte da soja mundial vira ração animal, enchendo o estômago de aves e suínos nos países industrializados.

Seguido da palmeira-do-azeite (dendzeiro) e da canola, a soja é a principal cultura oleaginosa no mundo. Ao longo dos últimos 40 anos, a produção da soja em grão quase setuplicou: partindo de 26,9 milhões de toneladas em 1961, a safra 01/02 foi de 183,3 milhões de toneladas. Já para 2003, as estimativas são de 201 milhões de toneladas. A expansão da sojicultura deve-se, antes de tudo, ao aumento da procura por farelo de soja na indústria de ração animal.

Em 2002, a União Européia (UE) importou aproximadamente 18 milhões de toneladas de soja em grão. Seu processamento resultou em 3 milhões de toneladas de óleo de soja e 13,4 milhões de toneladas de farelo. Além disso, a UE importou 18,6 milhões de toneladas de farelo de soja. Ou seja, as aves e suínos da UE consomem 32 milhões de toneladas de farelo de soja (Alemanha: 4 milhões de toneladas). Com uma safra de 60 milhões de toneladas e exportações de 25,2 milhões de toneladas, o Brasil é hoje o maior exportador de soja.

Quais são os efeitos deste “boom da soja” no Brasil, país exportador? E quais os resultados das volumosas importações de soja na Alemanha?

De dezembro de 1999 a novembro de 2002, a Evangelische Akademie Loccum promoveu um programa de diálogo trienal, com o título “Agenda 21 rumo a uma concepção sustentável do setor alimentar. Um debate ao longo dos fluxos de materiais na nutrição animal”. Os atores e atingidos acompanharam a “Cadeia da Soja”, do Brasil ao Estado federal da Baixa-Saxônia, debateram os efeitos agroecológicos e sociais desta relação comercial e criaram uma base de diálogo que permite, no futuro, uma concepção sustentável desta relação.

A importação de farelo de soja e sua utilização na criação de animais que, sem este aporte protéico seria inconcebível, são algo exemplar para a globalização da agricultura. Ficou patente que os setores agrícola e alimentar da Baixa-Saxônia apresentam uma profunda dependência estrutural da importação de farelo de soja. A análise da soja como *commodity* proporcionou um debate sobre a necessidade e possibilidade de limitar ou não o desenvolvimento com foco no mercado global. Foi ponto de partida para uma reflexão em torno da responsabilidade dos atores pelo bem-estar global. Além disso, refletimos se o

conceito da sustentabilidade pode ser aplicado a um setor aberto e dependente do mercado global.

Partindo da constatação de que a soja, em grande parte, é exportada por países em desenvolvimento como o Brasil, discutimos a justiça nas relações Norte-Sul como um dos elementos-chave da sustentabilidade. A Agenda 21, um dos resultados essenciais da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e base de todos os debates sobre a proteção do meio ambiente global, afirma dos objetivos antagônicos: o direito dos países em desenvolvimento ao desenvolvimento (tardio) e o rateio justo e global dos custos necessários para uma proteção melhor do meio ambiente, dos recursos naturais e do clima. Na era da globalização, a proteção do meio ambiente exige um amplo respeito dos potenciais de desenvolvimento dos países pobres. Se, por um lado, não podem ser forçados a colaborar, sua cooperação em si é indispensável.

O comércio da soja entre o Brasil e a Baixa Saxônia serviu de exemplo para ilustrar os problemas sociais e ecológicos, cada vez mais acentuados, causados por “monoculturas” existentes em ambos os lados: por um lado, a criação de animais, ou seja, o „beneficiamento“ de grãos importados por sua transformação em carne, leite e ovos, têm levado a imissões elevadas em determinadas regiões da Baixa Saxônia, visto que não depende mais da plantação de forrageiras locais. Por outro lado, a monocultura da soja, atividade agrícola intensiva, faz avançar vertiginosamente a fronteira agrícola no Brasil e coloca em xeque o tecido sócio-ecológico das regiões afetadas. Quando falamos de sustentabilidade global, eis a pergunta decisiva: como estabelecer uma ligação, agindo como seres responsáveis pela sustentabilidade e com base em conceitos objetivos, entre o dinamismo econômico do comércio internacional e os padrões sociais e ambientais. Como primar, no futuro, por um desenvolvimento sustentável, assumindo a responsabilidade pelos efeitos das nossas ações?

As conferências reuniram mais de 300 pessoas, ligadas aos mais diversos setores, tais como: academia, pesquisa, consultoria, organizações não governamentais, agricultura, alimentação, nutrição animal e administração pública, dos quais entre três e nove participantes eram brasileiros. Ao longo do projeto, os participantes criaram uma rede cujo objetivo principal é a formatação sustentável da cadeia de soja entre o Brasil e o Estado alemão da Baixa Saxônia.

Este relatório apresenta objetivos e visões formuladas no decorrer do projeto.

Aportes para a Sustentabilidade na Cadeia da Soja entre o Brasil e a Baixa Saxônia

No debate identificamos as seguintes questões e problemas rumo à sustentabilidade pretendida:

1. exigências essenciais à formatação sustentável da cadeia da soja;
2. impactos sociais e ecológicos da sojicultura no Brasil;
3. utilização da engenharia genética na sojicultura;
4. certificação;
5. aumento do potencial de mercado para a soja certificada;

6. enquadramento internacional do comércio agrícola;
7. criar espaços de cooperação;
8. requisitos à sustentabilidade dos produtos de alimentação animal;
9. redução das imissões de nitrogênio e nitratos na Baixa Saxônia;
10. expectativas aos consumidores.

1. Requisitos essenciais à formatação de uma cadeia da soja sustentável

Os participantes da Conferência em Busca do Futuro adotaram, de forma consensual, os seguintes requisitos, essenciais para uma cadeia de soja sustentável:

- para sua atuação, todos os atores ao longo da cadeia aderem voluntariamente ao princípio da sustentabilidade; conforme a definição da Agenda 21, sustentabilidade é o equilíbrio entre as dimensões ecológica, social e econômica;
- compromisso internacional compartilhado em prol de processos de mudança;
- acesso universal a alimentos saudáveis de produção sustentável;
- regionalização dos fluxos de materiais, notadamente em relação aos nutrientes;
- uma cadeia de soja sem impactos negativos a terceiros e ao ambiente natural;
- „virada rumo a uma agricultura social“, ou seja, consolidação e fortalecimento de pequenas e médias empresas agrícolas, a partir de processos produtivos sustentáveis.

2. Impactos sociais e ecológicos da sojicultura

Os impactos maciços, sociais e ecológicos, da expansão da fronteira agrícola no Norte do Brasil foram debatidos em todos os eventos do projeto.

Citamos a seguir os objetivos e caminhos adotados por todos os participantes de um deles, a Conferência em Busca do Futuro:

- ◆ congelamento da expansão da fronteira agrícola perante os ecossistemas protegidos/ameaçados como o Cerrado, Amazônia;
- ◆ fim dos desmatamentos;
- ◆ aproveitamento de terras ociosas;
- ◆ boas condições de vida no meio rural (evitar o êxodo rural);
- ◆ sojicultura como fonte de renda segura de trabalhadores, pequenos e médios agricultores;

Nos grupos de trabalho, as ONGs dedicaram-se principalmente aos grandes projetos brasileiros de infra-estrutura que decorrem do boom da soja (hidrovias, barragens, ferrovias, rodovias).

Ao longo do projeto, os grupos de trabalho (em sua maioria formada por ONGs) definiram as seguintes metas :

- pôr fim aos processos de expulsão e marginalização dos pequenos agricultores;
- evitar os conflitos fundiários;
- pôr fim à contaminação crescente dos recursos hídricos pelo agronegócio;

- proteção do lençol freático;
- valores-limite para aplicação de agrotóxicos;
- não utilização da „dúzia suja“ (pesticidas);
- não aplicação de pesticidas por aviões;
- implantação política da gestão de pesticidas integrada;
- suspensão das grandes obras de infra-estrutura com graves impactos sociais e ecológicos (especificamente a conversão de rios em hidrovias);
- diversificação de culturas vegetais nas terras cultivadas;
- evitar a erosão do solo (plantio direto);
- cumprimento das convenções da OIT.

Todas estas metas podem ser atingidas pelas seguintes medidas:

- certificação da soja de cultivo sustentável;
- informação e conscientização dos pequenos agricultores, fortalecendo e capacitando-os em matéria de direitos políticos e formas de produção sustentáveis;
- pesquisa e mobilização para evitar ampliação/realização de determinados projetos de infra-estrutura;
- apoiar a concretização dos objetivos das associações de ONGs que atuam nesta área através da tradução e reflexão de documentos e resultados nos eventos organizados pelas ONGs.

3. Utilização da engenharia genética na sojicultura

A engenharia genética na sojicultura foi um assunto bastante polêmico em todos os encontros. A pergunta se cultivo de soja transgênica pode contribuir para a sustentabilidade ou não despertou as mais variadas respostas, de „talvez“ a „de forma alguma“. Não houve consenso em torno da proposta da Monsanto de classificar a soja transgênica como sustentável. Na sojicultura, a engenharia genética é, sem dúvida alguma, um critério importante de sustentabilidade. Não obstante, é só um critério entre muitos. Para a expansão da fronteira agrícola Nordeste, em nada importa saber se o Cerrado é desmatado para a semeadura de cultivares geneticamente modificados (GM) ou convencionais. A maioria dos participantes, no entanto, parte da convicção de que „estar livre de transgênicos“ é um dos critérios da sustentabilidade. Visto que não foi possível chegar a um consenso, o representante da empresa Monsanto não participou dos eventos seguintes. Após sua retirada do grupo, o critério „não transgênico“ consolidou-se como um dos critérios da „soja sustentável“.

O conjunto de participantes da Conferência em Busca do Futuro definiu as seguintes metas :

- levantar dados sobre o cultivo de soja transgênica no Brasil;
- analisar a engenharia genética e verificar sua sustentabilidade na sojicultura;
- realizar uma pesquisa sobre a viabilidade de manter separados os grão GM e não GM.

Na conferência final do ciclo de eventos, realizada sob o título „Soja – so nein“ (*soja sim – soja não*) todos os atores, de comum acordo, definiram

- a necessidade de identificar a soja GM e seus derivados e de garantir o rastreabilidade ao longo de toda a cadeia do produto.

4 Certificação:

O objetivo consiste na certificação da soja ao longo da cadeia, do cultivo até o consumo final. Deve ser objeto de certificação a soja originária do Nordeste (ver acima) cuja produção não causa prejuízos ambientais e sociais.

A certificação permite discernir entre **soja orgânica de produção sustentável** (possível cooperação com as certificadoras existentes, tais como Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica (IFOAM e Ecocert) e **soja convencional não transgênica produzida pela agricultura familiar**.

Ao longo do projeto foi elaborado uma lista de critérios iniciais que, por sua vez, resultaram nos seguintes padrões mínimos para a certificação da soja em grão:

- ♦ renda segura para os agricultores;
- ♦ sem utilização da „dúzia suja“ (pesticidas);
- ♦ sojicultura deve contribuir para o desenvolvimento regional
- ♦ e melhorar o abastecimento regional;
- ♦ cumprimento das convenções da OIT;
- ♦ valores-limite para agrotóxicos;
- ♦ sem aplicação de pesticidas por aviões;
- ♦ sem uso de micotoxinas;
- ♦ sem conflitos fundiários;
- ♦ sem novos desmatamentos na Amazônia e no Cerrado;
- ♦ proteção do lençol freático;
- ♦ sem erosão do solo (plantio direto);
- ♦ rotação de culturas;
- ♦ separação de grãos GM e não GM.

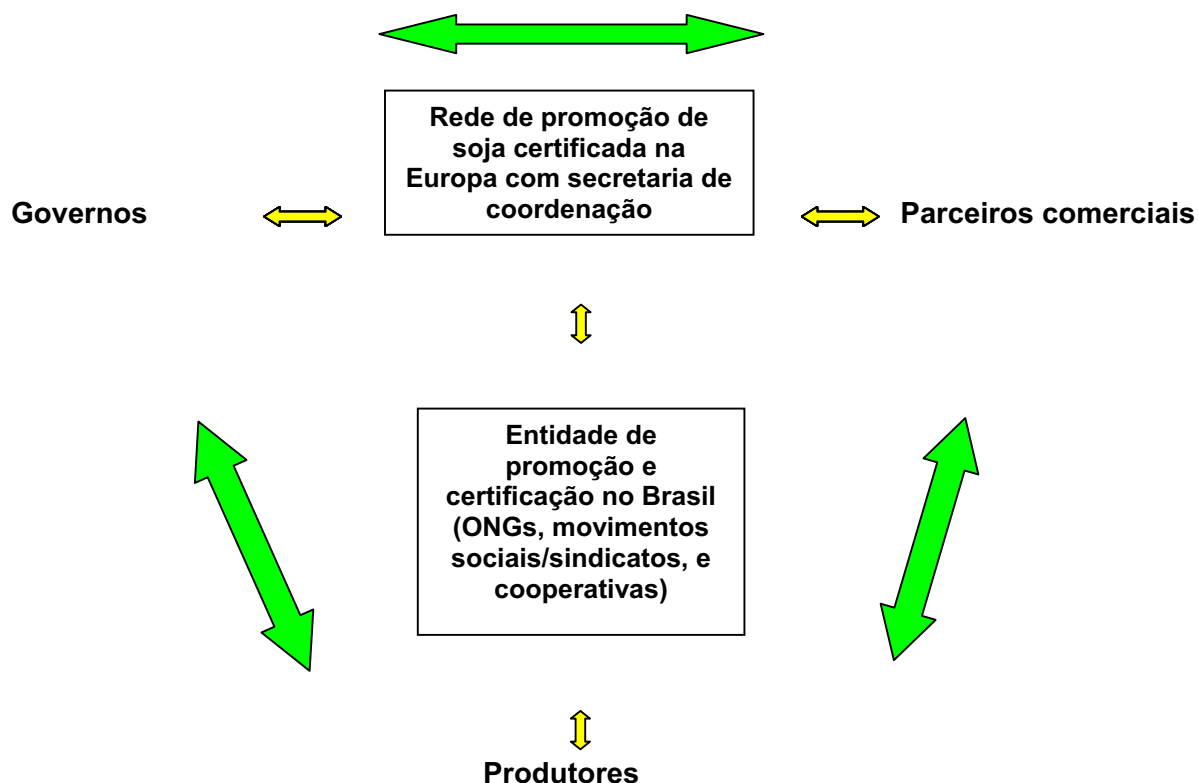
O escopo de certificação atualmente é consolidado por ONGs internacionais em cooperação com as contrapartes brasileiras.

No momento, as exigências são cumpridas por alguns sojicultores no Sul do Brasil. Sendo assim, optou-se por uma cooperação inicial com estes agricultores. Os planos são os seguintes: expansão da produção que será fiscalizada, desde a seleção das sementes, pela EMATER do Rio Grande do Sul.

5 Criação de um Comitê de Marketing

A meta consiste na promoção do comércio de soja em grão, produzida em conformidade com as normas de compatibilidade ambiental e social. Para este fim, será criado, no Brasil, um Comitê de Marketing. O Comitê proverá os volumes comerciais necessários de modo a garantir que a soja possa ser oferecida em quantidade estável e suficiente. Na Alemanha, um Cento de Informações deve promover a soja sustentável, informar os clientes em potencial e estabelecer o contato entre oferta e procura.

Estrutura:



Identificamos as seguintes tarefas:

- ♦ criar e harmonizar a „plataforma de certificação“;
- ♦ definir critérios e exigências gerais para a certificação dos produtores no Brasil;
- ♦ incentivar a produção de soja produzida sem impactos sociais e ambientais (agricultura familiar, pequenos e médios agricultores);
- ♦ formar redes de produtores para poder suprir a demanda de soja certificada na Europa;
- ♦ aumentar a procura de soja certificada por campanhas de promoção e conscientização organizadas pelo Ministério Alemão da Defesa do Consumidor, Nutrição e Agricultura e da Associação de Marketing do Setor Agrícola (CMA) na Alemanha;
- ♦ atividades de lobby para receber apoio político;
- ♦ identificar parceiros comerciais que podem beneficiar a soja certificada, ampliar o potencial de comercialização (ver acima);
- ♦ cooperar com outros projetos da área de certificação e comercialização (tais como a certificadora suíça *gebana*), aprender com suas experiências e adequar, dentro do possível, aos padrões existentes.

O projeto piloto proposto prevê a **importação de 400 t de „soja em grão de produção sustentável“** para a criação de patos adultos e perus na Baixa Saxônia.

6 Enquadramento internacional do comércio agrícola

a) Aumento da agregação de valor no Brasil

Ao exportar carne ao invés de soja, o Brasil poderia aumentar muito a agregação de valor do seu setor agrícola. A organização de mercado da União Européia (UE) relativa à carne

bovina bloqueia o acesso ao mercado europeu. Devido à proteção externa da UE, a entrada de carne bovina, fresca e congelada, e animais vivos fica restrita ao regime das importações preferenciais que se aplica apenas a uma pequena parcela da carne bovina brasileira. Por isto, a redução da proteção externa da UE e de seus subsídios à agricultura são reivindicações principais do Governo brasileiro. O Brasil é o segundo maior produtor mundial de carne de aves. Sua produção está destinada principalmente aos mercados asiáticos.

Os participantes definiram as seguintes metas:

- aumentar a agregação de valor no Brasil através do beneficiamento no Brasil (avicultura), em concreto, produção de carne de aves certificada por cooperativas no Sul do Brasil;
- um plano a curto prazo é a exportação de ração animal certificada.

Foram propostos os seguintes projetos piloto:

- iniciar uma parceria público-privada (PPP) entre o setor de beneficiamento na Baixa Saxônia e parceiros no Brasil que poderia receber o apoio da GTZ (Cooperação Técnica Alemã). A Câmara de Agricultura da região Weser-Ems e o Centro de Competência do setor alimentar em Vechta apoiariam a identificação de parceiros no mercado da Baixa Saxônia.
- Viagem de uma delegação da indústria de ração animal e avicultura da Alemanha, com visita a sojicultores no Sul e, eventualmente, no Norte do Brasil.

b) Envergadura das relações comerciais

Muitos dos debates no Brasil e entre as ONGs e associações de agricultores orgânicos na Alemanha giraram em torno da envergadura destas relações comerciais e da contradição entre a sustentabilidade que se desenvolve a nível regional e os fluxos comerciais que acontecem a nível global. No final do processo, todos atores haviam aceito o fato da agricultura globalizada. No âmbito das relações comerciais internacionais, trata-se, portanto, de criar condições, que garantam uma „boa produção“, e definir critérios para fluxos de material sustentáveis.

Para fins de **elucidação da formação de consensos**, citamos o seguinte exemplo: Até hoje, os criadores de animais orgânicos na Alemanha não podem usar produtos de alimentação importados. Esta norma surgida há duas décadas reflete as preocupações sociais e ambientais daquele tempo. Hoje, os criadores de animais começam a enfrentar problemas devido à escassez de forrageiras locais de cultivo orgânico. Em parte, alimentam os animais com produtos convencionais. A partir de 2005, os agricultores orgânicos serão obrigados, por diretrizes da União Européia, a usar apenas produtos de alimentação animal orgânicos. Tendo em vista sua escassez atual, surge a pergunta onde comprar estes produtos.

Tendo em vista que os sojicultores no Sul do Brasil não desmatam florestas tropicais, a preocupação ambiental surgida nos anos 80, neste caso, carece de fundamento. **Pelo contrário: para os agricultores no Sul do Brasil o cultivo da soja orgânica é uma oportunidade para a conversão de sua produção total e contribui para sua viabilidade econômica.**

A meta a longo prazo, no entanto, continua sendo a produção para o consumo regional. Neste sentido

- a sojicultura deve tornar-se parte integrante dos planos de desenvolvimento regionais e
- os sistemas de produção e comercialização regionais devem ser fortalecidos.

7 Projetos de cooperação

a) Comércio de soja orgânica

A *Bund für ökologische Lebensmittel* [Associação em prol da Alimentação Orgânica] está planejando a importação de soja produzida conforme os critérios sociais e ambientais da sustentabilidade. A partir de outubro de 2003, a *Bioland*, maior associação de agricultores orgânicos na Alemanha, quer substituir as rações protéicas convencionais (a serem banidos por lei a partir de 2005) por rações orgânicas. Vislumbramos, assim, a implantação dos primeiros resultados do projeto. A cooperação poderia seguir o exemplo da importadora suíça *gebana* importadora de soja orgânica do Brasil que gera renda para 800 famílias no Estado de Mato Grosso. A *gebana* adotou tanto os princípios do comércio justo e equitativo como da produção orgânica. No Brasil, a soja é certificada por uma organização internacional chamada BSD Brazil que se empenha pelo cumprimento de padrões sociais e ambientais.

Será importante estabelecer relações comerciais entre associações de pequenos agricultores no Sul do Brasil, de produção sustentável e orgânica, a *Bioland* e a indústria de alimentação animal na Alemanha. No Brasil deve ser criada uma estrutura que garanta o rastreabilidade e certificação da produção ecológica e socialmente adequada, ao longo de todas as etapas da cadeia.

b) Cooperação econômica:

Existe a possibilidade de contar-se com o apoio da GTZ Cooperação Técnica Alemã a projetos de cooperação internacional cujo fim seja a sustentabilidade conforme a Agenda 21 (*Private Partnership Project*).

Nos primeiros contatos a GTZ demonstrou interesse em apoiar um projeto deste tipo. Falta encontrar, ainda, uma empresa parceira na Alemanha. Por mais que a idéia inicial de produzir carne orgânica de aves para o mercado alemão tenha despertado interesse, até o momento não existe nenhuma cooperação nesta área.

Seria possível, ainda, imaginar uma cooperação entre os compradores de soja (*Ölmühle Hamburg, Landhandel, Toepfer AG*) e o Comitê de Marketing no Brasil. Tendo em vista, porém, que estes importadores ainda não são promotores da produção sustentável de soja, resta verificar se convém dar o pontapé inicial justamente nesta área. Poderia imaginar-se também uma cooperação com empresas de agricultura orgânica. Por terem optado pela regionalização da produção, resta descobrir se elas estariam dispostas ou não a entrar em uma cooperação econômica com as dimensões almejadas. Outro parceiro em potencial seria a indústria/comércio de carne de qualidade. Nesta área, os contatos estão por fazer.

Para ampliar a cooperação, os Encontros Econômicos Brasil Alemanha e o Fórum Nacional da Soja revestem-se de importância estratégica. A nível dos organizadores, os primeiros contatos já foram feitos. Antes de os resultados do projeto da soja serem ouvidos e respeitados, será necessário muito trabalho de convencimento e conscientização.

8 Exigências a uma alimentação animal sustentável

Objetivos gerais nesta área:

- declaração obrigatória dos alimentos sem nenhuma exceção, possibilidade de identificar todos os ingredientes;
- os próprios agricultores devem utilizar os métodos de análise dos ingredientes da alimentação;
- obrigatoriedade de uma quota de regionalização com 40% de alimentos produzidos na região; as regiões não são necessariamente idênticas a estados ou países (devido a proximidade geográfica, a região Weser – Ems adquire produtos de alimentação animal dos Países Baixos, etc.);
- Aproveitamento de resíduos de frigoríficos e abatedouros (exceto material de risco);
- sem uso de micotoxinas.

Além da qualificação do fluxo do material soja, deu-se ênfase na substituição do farelo de soja na ração animal. Objetivos:

- expansão do cultivo de leguminosas em grão na Europa;
- substituição de uma parte do farelo de soja por ervilha, fava e tremoço;
- intensificação da pesquisa na área do cultivo e de novos cultivares das leguminosas;
- incentivos da política agrícola à produção de leguminosas autóctones ;
- entidades de assessoria e institutos de formação devem analisar e divulgar experiências de criação, equivalentes e viáveis, que reduzam a utilização de farelo de soja;
- realizar campanhas de marketing em prol de produtos animais produzidos com menos farelo de soja;
- redução da soja na alimentação animal (em média -20 a -25%);
- Alimentação por fases: de acordo com a fase de crescimento, a participação da soja na ração pode ser diminuída para reduzir a contaminação com nitrogênio e nitratos, este efeito positivo não deve ser anulado por um aumento da taxa de ocupação;
- utilização de aminoácidos na alimentação animal não depende do nível de rendimento.

9 Redução das imissões de nitrogênio e nitratos na Baixa Saxônia

O tema foi objeto de uma pesquisa ampla apresentada na conferência final do projeto.

No decorrer do projeto, foram definidas as seguintes metas:

- adubação correta;
- produção de animais menos intensiva na Europa;
- usar ração expandida na suinocultura (processo de produção que permite o melhor aproveitamento dos nutrientes);
- aumentar a autonomia na produção de proteínas vegetais;
- alimentação por fases,

- aminoácidos complementares (= alimentação animal adequada e redução das imissões de nitrogênio a solos e recursos hídricos; A complementação com aminoácidos é apenas um dos elementos possíveis e não deve ser analisado em separado;
- alteração da classificação da carne (o modelo vigente incentiva o criador a supernutrir os animais com proteínas para obter o máximo de carne de boa categoria. A supernutrição prejudica os animais e causa uma contaminação adicional de solo e recursos hídricos);
- redução do consumo de carne;
- contribuição sobre o valor agregado no Tratado Internacional para aumentar a eficiência dos ciclos energéticos.

10 Consumidores

O consumidor ocupa um lugar de destaque no fluxo de materiais ligados à cadeia da soja. Muitas foram as expectativas e exigências levantadas durante o projeto.

Os participantes definiram os seguintes objetivos:

- ◆ transparência para o consumidor;
- o consumidor pode identificar os produtos produzidos em conformidade com o princípio da sustentabilidade;
- o consumidor é informado das condições de produção ao longo da cadeia da soja;
- ◆ o consumidor está disposto a pagar um preço mais alto para a carne;
- ◆ aproximação dos comércios justo/eqüitativo e de produtos orgânicos. Este objetivo é respaldado pelo fato de o consumidor, quando ambos os critérios estão cumpridos, estar disposto a pagar um preço mais alto.

Redução do consumo de carne, por exemplo através da adição de soja a enchidos de carne e produtos afins. Desta forma, a soja entraria diretamente no produto de alimentação humana e sem beneficiamento anterior pela criação de animais. Os participantes da conferência final testaram produtos com e sem soja e não identificaram nenhuma diferença no sabor. O consumo de carne, a princípio, deveria ser reduzido ao nível dos anos cinquenta (equivalente ao consumo de carne na cozinha italiana de hoje). A mudança dos hábitos alimentares deveria começar nas escolas/através dos meios de comunicação e os restaurantes de entidades privadas e públicas deveriam mudar seus cardápios.